



História económica e história do pensamento económico

Autor(es): Mata, Eugénia; Valério, Nuno

Publicado por: Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/26228>

Accessed : 27-Jan-2023 17:40:10

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE DIREITO

BOLETIM DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

VOLUME XL
1 9 9 7



COIMBRA

História Económica e História do Pensamento Económico*

SUMÁRIO: 1. História, pensamento e economia. 2. História económica e história do pensamento económico. 3. Metodologia da história económica e metodologia da história do pensamento económico. 4. Progresso do conhecimento na história económica e na história do pensamento económico.

1. História, pensamento e economia

Indagar das relações entre história económica e história do pensamento económico passa, naturalmente, em primeiro lugar, por identificar o que é cada uma dessas disciplinas. Um caminho possível, talvez não o único, mas com certeza interessante, para essa identificação é o exame do sentido dos termos que compõem as suas designações: história, pensamento e economia.

A história como realidade e como conhecimento

No seu sentido mais geral o termo 'história' é equívoco, podendo evocar quer uma realidade quer o seu conhecimento: por um lado história de um objecto é a sua evo-

* Uma primeira versão desta reflexão foi apresentada no colóquio "História do pensamento económico – diálogos e fronteiras" organizado pelo Centro de Investigação Sobre Economia Portuguesa – Lisboa, Dezembro de 1993.

lução – a história-realidade; por outro lado história de um objecto é a descrição e análise da sua história-realidade – a história-conhecimento.

Importa sublinhar dois aspectos desta dupla noção. Em primeiro lugar, história significa em geral transformação. Não é habitual, com efeito, falar de história de algo que não muda. Em segundo lugar, história-conhecimento não é apenas descrição – numa formulação clássica saber ‘quem’, ‘o quê’, ‘onde’ e ‘quando’. É também análise – na mesma formulação saber ‘como’ e ‘porquê’.

O pensamento como conhecimento e como ideal

Também o termo ‘pensamento’ é equívoco, podendo evocar quer um conhecimento quer um ideal: por um lado pensar sobre um objecto é conhecer o que ele é – o pensamento-conhecimento; por outro lado pensar sobre um objecto é delimitar o que ele deveria ser, ou imaginar o que ele poderia ser – o pensamento-ideal.

Três aspectos complementares devem ser sublinhados a propósito desta, uma vez mais dupla, noção. Em primeiro lugar, todo o pensamento pressupõe uma realidade sobre que incide. Em segundo lugar, enquanto o pensamento-conhecimento é, em princípio, uno, atingindo a sua forma mais elaborada na ciência, o pensamento-ideal é ele próprio duplo, dividindo-se na doutrina, a delimitação do dever ser, e na arte, a imaginação do poder ser. Em terceiro lugar, o pensamento tende a suscitar a acção, para transformar o que é no que deveria ser ou poderia ser, isto é para realizar, tornar realidade, os ideais, sobretudo doutrinários, mas também artísticos.

A economia como domínio da vida social

O último termo a considerar, ‘economia’, escapa talvez à equívocidade dos anteriores, mas não é, por isso, menos

complexo. Na verdade, economia, pelo menos no sentido que aqui nos interessa, designa correntemente um domínio da vida social dos seres humanos. Domínio complexo e sem dúvida difícil de delimitar para fins práticos, devido à profunda imbrincação de todos os aspectos da vida social.

Numa síntese necessariamente simplificadora, poderemos dizer que o domínio económico da vida social tem a ver com a produção e reprodução das condições materiais da vida humana e engloba os seguintes elementos fundamentais: a actividade económica, que envolve as funções de consumo, produção e acumulação; e a gestão ou cálculo económico.

A história económica

Examinados separadamente os termos história, pensamento e economia, é altura de considerar as suas combinações e em primeiro lugar a que corresponde à expressão 'história económica'.

História económica é, naturalmente, a história da economia, isto é, a evolução do domínio económico da vida social dos seres humanos – história económica-realidade – ou o estudo dessa evolução – história económica-conhecimento.

Por outras palavras: a história económica enquanto realidade é tudo o que diz respeito à forma como os seres humanos resolveram nas diferentes sociedades humanas que existiram em diferentes épocas e locais os problemas económicos, isto é como desenvolveram a sua actividade económica e como realizaram o seu cálculo económico; e a história económica enquanto conhecimento procura descrever e explicar a história económica-realidade.

A história do pensamento económico

Por seu lado, a história do pensamento económico é, evidentemente, a história do pensamento sobre o domínio

económico da vida social, isto é, a evolução do conhecimento e dos ideais relativos ao domínio económico da vida social dos seres humanos – história do pensamento económico-realidade – ou o estudo dessa evolução – história do pensamento económico-conhecimento.

Por outras palavras: a história do pensamento económico enquanto realidade é tudo o que diz respeito à consciência que os seres humanos tiveram da forma como desenvolveram a sua actividade económica e como realizaram o seu cálculo económico e dos ideais que formularam a esse respeito nas diferentes sociedades humanas que existiram em diferentes épocas e locais; e a história do pensamento económico enquanto conhecimento procura descrever e explicar a história do pensamento económico-realidade. Em rigor, há, portanto, que distinguir na história do pensamento económico, quer enquanto realidade, quer enquanto conhecimento, uma história do conhecimento económico (que engloba a história da ciência económica) e uma história dos ideais económicos (que é sobretudo uma história de doutrinas económicas, já que a vida económica suscitou muito mais reflexão doutrinária do que artística).

2. História económica e história do pensamento económico

Face a tudo o que ficou dito, conclui-se que são necessariamente importantes as relações entre a história económica e a história do pensamento económico.

No plano da realidade, é óbvio que:

- a) Por um lado, o que seja a economia condiciona o conhecimento que dela se pode ter e os ideais que sobre ela se podem formular, visto que só se pode conhecer o que existe e imaginar com base no que se conhece.

- b) Por outro lado, o conhecimento que se tem da realidade e os ideais sobre ela formulados condicionam a realidade, particularmente através da acção que se pode exercer para conservar ou modificar a realidade, isto é, da política em sentido lato, a qual, em princípio, visa objectivos fixados pelas doutrinas e utiliza meios proporcionados pela ciência.

No plano do conhecimento, é também óbvio que:

- a) Por um lado, o que se conhece sobre a evolução da economia condiciona o conhecimento que se pode ter da evolução do pensamento sobre a economia, devido à articulação da realidade atrás referida e que leva a encarar o pensamento sobre a economia na perspectiva tradicionalmente designada por relativista.
- b) Por outro lado, o que se conhece sobre a evolução do pensamento sobre a economia condiciona o conhecimento que se pode ter sobre a evolução da economia, também devido à articulação da realidade atrás referida e que leva a encarar o pensamento sobre a economia predominantemente na perspectiva tradicionalmente designada por absolutista.

★

As articulações que acabam de ser referidas notam-se com toda a clareza quando consideramos a evolução da economia e a evolução do pensamento económico. Não é, evidentemente, possível qualquer conspecto pormenorizado neste contexto, mas vale a pena notar como em todas as principais transformações profundas da sua evolução ambos os domínios estiveram profundamente relacionados.

O início da história

A história económica da humanidade começou, naturalmente, com o aparecimento da própria humanidade; e dado que humanidade significa, necessariamente, reflexão, podemos arriscar dizer que também aí começou a história do pensamento económico, enquanto evolução do conhecimento e dos ideais que a humanidade tinha sobre a sua própria vida económica. Porém, se algo sabemos sobre a vida económica dos seres humanos até à revolução cultural da escrita, quase nada sabemos sobre o seu pensamento económico, pois só indirectamente nos podemos aperceber dele pelos vestígios que deixou em mitos, lendas e textos escritos, sempre muito posteriores à realidade que se tenta cingir.

As sociedades civilizadas

Se a primeira grande mudança do modo de vida da humanidade, a revolução agro-pastoril, não mudou o panorama quanto, pelo menos, ao nosso conhecimento da vida e do pensamento económicos da humanidade, a segunda dessas grandes mudanças, a revolução urbana, trouxe uma novidade que mudou muito a esse respeito: a escrita.

Com o aparecimento de documentos escritos, não só é possível passar a conhecer a vida das sociedades humanas, particularmente dos seus aspectos económicos, não apenas recorrendo às fontes materiais e às técnicas da arqueologia, mas também recorrendo às fontes escritas e às técnicas da hermenêutica dos textos, como é possível um conhecimento directo eventual do pensamento económico. Com efeito, o registo dos mitos e das lendas e a produção dos anais e das crónicas proporciona, enfim, um contacto em primeira mão com as ideias, pelo menos dos estratos letrados da sociedade.

O pensamento económico destas primeiras sociedades civilizadas estava ainda indiferenciado do pensamento social

em geral e, pelo menos numa perspectiva actual, exclusivamente ligado ao senso comum no plano do conhecimento e dependente da religião no plano das doutrinas. Era, portanto, numa classificação eventualmente simplista, pré-científico enquanto conhecimento e teológico enquanto doutrina. Novas transformações da própria vida económica seriam, tanto quanto é possível perspectivarmos, necessárias para que novos passos fossem dados.

As sociedades-mundo

Foi a terceira grande mudança do modo de vida da humanidade, a formação de sociedades-mundo, que esteve ligada à principal transformação seguinte da evolução do pensamento económico, ou melhor do pensamento social em que ele ainda se subsumia.

Consistiu esta transformação, como é sabido, no desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o conhecimento e os ideais tradicionais. No plano do conhecimento, isso conduziu ao aparecimento de uma filosofia e de uma história que a exigência moderna habitualmente ainda considera simplesmente proto-científicas, mas que gradualmente construíram muito da metodologia e das noções operatórias com que hoje os cientistas sociais ainda trabalham. No plano dos ideais, isso conduziu à formação de doutrinas que não rejeitavam formalmente a superioridade da religião, mas que gradualmente foram separando as noções de sagrado e profano, dentro deste de público e privado e mesmo dentro deste de económico e familiar.

A sociedade mundial contemporânea

Seja como fôr, é indubitável que a gradual formação do que veio a ser a sociedade mundial contemporânea ao longo do último meio milénio transformou profundamente uma vez mais a vida económica e o pensamento económico.

No domínio da vida económica, assistiu-se ao gradual arranque e alastramento do crescimento económico moderno, processo cujo final não parece ser previsível, e à fusão de todas as economias e sociedades humanas numa cada vez mais integrada sociedade mundial, com o seu aspecto económico, a economia mundial.

No domínio do pensamento económico, assistiu-se à autonomização do pensamento económico em relação ao pensamento social em geral e ao atingir do que é correntemente considerado o nível científico no plano do conhecimento económico, ao mesmo tempo que as doutrinas económicas se procuravam fundamentar nessa nova forma de conhecimento.

Foi neste contexto que a história económica e a história do pensamento económico finalmente emergiram como disciplinas científicas. Claramente distintas e autónomas, mas indubitavelmente relacionadas como mostra tudo o que ficou dito, e melhor se verá considerando um pouco a sua forma de trabalhar.

3. Metodologia da história económica e metodologia da história do pensamento económico

História económica e história do pensamento económico possuem uma herança metodológica comum (aliás comum a todo o trabalho científico em história e mesmo nas ciências sociais em geral). Vamos no que se segue passar em revista alguns dos seus aspectos, uns provavelmente pacíficos, outros eventualmente polémicos.

O curto e o longo prazo

Todos os fenómenos sociais sofrem transformações — por isso têm uma história. Porém, a sua evolução processa-se a ritmos diferentes, que se tornou habitual classificar nos

três chamados níveis do tempo utilizados por Fernand BRAUDEL para organizar a exposição da sua obra clássica sobre o Mediterrâneo quinhentista: os acontecimentos, as conjunturas e as estruturas.

Da narrativa de acontecimentos que cultivava tradicionalmente, a história evoluiu, à medida que se aproximava dos paradigmas hoje dominantes, para a consideração simultânea e em articulação dos três níveis do tempo referidos — melhor se deveria dizer de todos os ritmos de transformação social possíveis. Naturalmente que a história económica e a história do pensamento económico devem partilhar esta preocupação de considerar a multiplicidade de ritmos de transformação social, ou, se se quiser simplificar, a multiplicidade dos níveis do tempo.

O que sejam esses níveis do tempo no domínio da história económica é relativamente claro, até porque a obra paradigmática de BRAUDEL é em grande medida uma obra de história económica. No nível correspondente aos ritmos de transformação mais rápidos, temos a actividade económica e a gestão correntes. Depois, têm de considerar-se as suas flutuações habitualmente chamadas conjunturais, exógenas ou endógenas. A seguir, os seus movimentos tendenciais, de crescimento por acumulação ou de estado estacionário. Enfim, as transformações propriamente chamadas estruturais, assentes em mudança das tecnologias, dos modos de organização ou funcionamento e dos espaços relevantes.

Menos claro pode ser o que sejam os vários níveis do tempo na história do pensamento económico. Uma breve reflexão, porém, pode conduzir a uma sugestão de resposta. Os acontecimentos são, naturalmente, as manifestações correntes das ideias e as obras pontualmente inovadoras. No nível seguinte encontram-se as escolas ou correntes de pensamento e as suas controvérsias. Enfim, haverá que considerar as transformações estruturais que correspondem às mudanças de paradigma dominante.

O individual e o social

Tradicionalmente centrada na observação da acção das personalidades marcantes, a história evoluiu, também à medida que se aproximava dos paradigmas hoje dominantes, para a consideração simultânea e em articulação dos aspectos relativos aos indivíduos, aos grupos e às sociedades no seu todo.

A perspectivação habitual destes aspectos na história económica e na história do pensamento económico já foi implicitamente referida ao examinar-se o tópico do curto e do longo prazo. Importa agora apenas acrescentar uma reflexão relativa ao papel das personalidades marcantes num e noutro domínio.

A leitura de manuais e obras de investigação de ponta das duas disciplinas deixa uma impressão totalmente oposta quanto ao papel que os historiadores de uma e de outra normalmente atribuem às personalidades marcantes. Na história económica quase não há nomes. Apenas alguns raros empresários e políticos ultrapassam o anonimato e são, por vezes, citados como tendo constituído ao menos causa eficiente de factos importantes. Pelo contrário, na história do pensamento económico as personagens abundam. Mesmo quando se estudam correntes e escolas, não se dispensa a menção pelo menos dos seus economistas mais importantes, sejam eles cientistas ou doutrinários.

Será realmente verdade que, na realidade, a história económica é predominantemente uma história do colectivo e a história do pensamento económico é predominantemente uma história do individual? Ou a imagem transmitida pelo estado actual das duas disciplinas é enganadora?

Não é possível justificar aqui minuciosamente uma resposta a estas duas perguntas, mas pensamos que, nas suas linhas gerais, essa resposta deverá ser a seguinte: é verdade que a história económica é predominantemente uma história do colectivo e a história do pensamento económico é

predominantemente uma história do individual, na medida em que a vida corrente dos seres humanos está muito mais condicionada pelo que fazem os indivíduos dominantes na sociedade no campo das ideias do que no campo da economia; a imagem da realidade correntemente transmitida pelas duas disciplinas está, entretanto, indevidamente desfocada. Por um lado, a história económica tende a desprezar o género biográfico, mesmo no contexto da história empresarial, a qual apenas recentemente tendeu a desenvolver-se. Por outro lado, a história do pensamento económico tende a descuidar a identificação das ideias dominantes sobretudo nos meios onde predominam, não as teorias e doutrinas sofisticadamente expostas e (às vezes supõe-se mais do que se demonstra) compreendidas nos meios científicos e doutrinários, académicos e políticos, mas as versões de senso comum dessas doutrinas e teorias.

O qualitativo e o quantitativo

Também relacionada com o que ficou dito está a questão da abordagem qualitativa ou quantitativa nas duas disciplinas.

Que a história era tradicionalmente uma disciplina qualitativa e evoluiu, à medida que aproximava dos paradigmas hoje dominantes, para a consideração simultânea e em articulação dos aspectos qualitativos e quantitativos, cremos que não suscita dúvidas. Isso não atingiu, entretanto, da mesma forma a história económica e a história do pensamento económico.

No campo da história económica, a quantificação, e com ela a aplicação da estatística descritiva e analítica, impôs-se, sem expulsar a abordagem qualitativa. A atribuição em 1993 do Prémio em Memória de Alfred Nobel para as Ciências Económicas a dois investigadores da história económica, um (Robert FOGEL) sobretudo conhecido pela sua

ousada aposta na quantificação da descrição e dos mecanismos causais do crescimento económico, outro (Douglas NORTH) sobretudo conhecido pela sua teorização da evolução dos aspectos institucionais da vida económica, ilustra bem esta situação. No campo da história do pensamento económico, todavia, a situação é diferente. É claro que o progresso da matematização da própria ciência económica impôs a matematização da apresentação das ideias na história do pensamento económico. Mesmo as contribuições de análise económica que foram produzidas no passado de uma forma literária e qualitativa são frequentemente apresentadas em estudos de história do pensamento económico sob uma roupagem matemática, com indiscutível vantagem para a inteligibilidade e sobretudo para a comparabilidade das contribuições. A quantificação continua, entretanto, muito marginal no próprio cerne da história do pensamento económico.

Na verdade, só a preocupação com fenómenos de massa imporá provavelmente uma mudança radical desta situação. E ela está ligada, como acima se notou, ao tratamento do binómio individual – colectivo na história do pensamento económico.

Fontes

Todas as questões apresentadas têm importantes consequências ao nível das fontes utilizadas pela história económica e pela história do pensamento económico.

Se para a história económica a esmagadora maioria das fontes históricas é constituída por testemunhos não voluntários ou pelo menos não propositados, dos quais o historiador se serve para o conhecimento da realidade no passado, o mesmo não acontece com a história do pensamento económico. Na verdade, quem se pronuncia sobre temas económicos está em geral voluntariamente a deixar um tes-

temunho da sua reflexão. Há portanto frequentemente um carácter propositado nas fontes que registam as reflexões sobre os aspectos económicos. Resulta daqui que o trabalho da crítica das fontes é necessariamente muito diferente numa e noutra disciplina.

Isso pode ser ilustrado considerando, por exemplo, uma obra hipotética que descreva a situação económica do seu tempo, busque explicações para ela e proponha vias e acções de transformação da realidade percebida.

Para o historiador do pensamento económico uma tal obra é importante porque reflecte directamente as ideias, pelo menos de uma pessoa num determinado momento. É, naturalmente, preciso apurar o sentido do que o autor pretendeu dizer. É também necessário saber qual a repercussão que a obra teve. De qualquer modo, a obra é indubitavelmente objecto do trabalho do historiador do pensamento económico.

Para o historiador da economia a situação é muito diferente. O seu objecto é fundamentalmente a realidade que a obra descreve e explica. Portanto, a obra no essencial apenas indirectamente se refere ao que lhe interessa.

Por outras palavras, enquanto o historiador do pensamento económico busca exactamente saber o que as pessoas pensavam sobre os fenómenos económicos, o historiador económico procura conhecer os fenómenos económicos do passado em si próprios, através dos testemunhos (escritos e não só) que a época deixou. Ora, e para este objectivo, o testemunho consciente pode até ser enganador para o historiador económico: seres humanos empenhados na vida económica são amiúde maus observadores da sua própria época e piores analistas ainda. Dificilmente alguém consegue aperceber-se dos comportamentos colectivos do seu tempo em toda a sua plenitude, da acção dos grupos humanos, do significado das mudanças que vão ocorrendo na sociedade que é a sua. Em certo sentido, o historiador consegue, por

isso, conhecer e compreender melhor uma dada época do que alguns dos seus protagonistas.

4. Progresso do conhecimento na história económica e na história do pensamento económico

Esta afirmação permite introduzir um último tópico: o do progresso. Será que há progresso do conhecimento na história económica e na história do pensamento económico?

Em rigor a pergunta pode aplicar-se a três campos: à história económica-conhecimento, à história do pensamento económico-realidade (nesta, é claro, apenas ao pensamento económico-conhecimento) e à história do pensamento económico-conhecimento. Na nossa perspectiva, a resposta deve ser claramente positiva, o que não quer dizer que o progresso seja constante. Por outras palavras, a longo prazo os estudos de história económica e de ciência económica têm aumentado o nosso conhecimento respectivamente da evolução e dos mecanismos da vida económica das sociedades humanas e os estudos de história do pensamento económico têm aumentado o nosso conhecimento da evolução do pensamento económico, em particular da própria ciência económica. No curto prazo, porém, ocorrem com frequência situações em que contribuições bem recebidas acabam por não ser retidas, pelo menos na sua plenitude, no longo prazo e contribuições mal acolhidas acabam por ser recuperadas no longo prazo.

Estes factos são consequência dos modos de funcionamento do espírito humano e das comunidades científicas, que não cabe nos limites desta comunicação analisar. Sugere-mos, de qualquer modo, uma visão optimista quanto à evolução futura dos domínios do saber sobre os quais refletimos, que nos parece fundamentada na experiência passada. Uma visão sem a qual, aliás, o trabalho científico dificilmente poderia, ele próprio, ser levado a cabo.

BIBLIOGRAFIA

- BLAUG, Mark – *Economic theory in retrospect* – Heineman, Londres, 1968 (2ª edição).
- BRAUDEL, Fernand – *La Méditerranée et le monde méditerranéen au temps de Phillippe II* – Armand Colin, Paris, 197 (2 volumes, 3ª edição).
- FOGEL, Robert (editor) – *Long-term changes in nutrition and the standard of living* – 9th International Economic History Congress, Bern, 1986.
- GODINHO, Vitorino Magalhães – *Introdução à história económica* – Horizonte, Lisboa, sem data.
- GURVITCH, Georges – “Histoire de la sociologie” – in *Traité de sociologie* – P. U. F., Paris, 1958.
- KUHN, Thomas – *The structure of scientific revolutions* – Chicago, Chicago University Press, 1962.
- LÉON, Pierre (direcção) – *Histoire économique et sociale du monde* – Armand Colin, Paris, 1976 (6 volumes).
- NORTH, Douglas; LUCE, Henry – “A theory of institutional change and economic history” – in Erik Aerts, Thomas Kuczynsky & Vladimir Vinogradov – *Methodological problems* – 10th International Economic History Congress, Leuven, 1990.
- SCHUMPETER, Joseph – *History of economic analysis* – Allen & Unwin, Londres, 1954.

Eugénia Mata
Faculdade de Economia
Universidade Nova de Lisboa

Nuno Valério
Instituto Superior de Economia e Gestão
Universidade Técnica de Lisboa